A Entrevista

Sem santo nem senha

POR **JOAQUIM LEITÃO**

O ESCRIPTOR FIALHO D'ALMEIDA

Fallecido em 4 de Março de 1911

N.º 20 — Numero avulso 60 reis — 15 - IV - 1914

Editor e proprietario: *MARIO ANTUNES LEITÃO*

Composto e impresso na **Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Can-**

A ENTREVISTA

Numeros publicados:

Numero 1. — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO.

Numero 2. — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.

Numero 3. — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE.

Numero 4. — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.

Numero 5. — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA.

Numero 6. — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde.

Numero 7. — Entrevista com o PADRE DOMINGOS — O guerrilheiro de Cabeceiras de Bastos.

Numero 8. — Entrevista com a Senhora Marqueza de Rio-Maior sobre a SENHORA D. JULIA DE BRITO E CUNHA.

Numero 9. — Entrevista com o Sr. Conselheiro JOSÉ D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

Numero 10. — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE). Primeira parte.

Numero 11. — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE). Segunda parte.

Numero 12. — Entrevista com JOAQUIM OEIRAS — Historia d'uma evasão do presidio d'Elvas.

Numero 13. — Entrevista com o CAPITÃO-TENENTE DA ARMADA BRAZILEIRA SR. AMERICO PIMENTEL — Commemorando a Retirada do Sr. Bernardino Machado — A Republica Portugueza e a Republica Brazileira.

Numero 14. — Entrevista com o DR. LUIZ TELLES DE VASCONCELLOS — A fuga do presidio de S. Barnabé — Illusões e enthusiasmos.

Numero 15. — Entrevista com JOSÉ DE FARIA MACHADO, Secretario de Legação de Sua Magestade Fidelissima.

Numero 16. — Entrevista com o TENENTE SATURIO PIRES, Official da Columna de Paiva Couceiro.

Numero 17. — Entrevista com o CONSELHEIRO AYRES D'ORNELLAS, Capitão do Estado-Maior.

Numero 18. — Entrevista com o PADRE CAETANO DOS SANTOS BASTOS ANÃO, Antigo Capellão de Lanceiros d'El-Rei.

Numero 19. — Entrevista com o SR. CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO — Uma prophecia de João Arroyo — A morte de Hintze Ribeiro — A resistencia do Partido Progressista — A obediencia do partido ao seu Chefe — Um trecho de historia da ruptura dos franquistas e progressistas — Dias Costa — Uma reforma da Carta constitucional — etc.

A Joaquim Leitão
Cumprimentos do
Pedro Americo

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 20 — 8-5-1914

FIALHO D'ALMEIDA

Prophetisa-nos, numa entrevista, no dia 7 de outubro de 1910, o que ia ser, e de facto tem sido, a Republica; e no seu leito de morte, em 4 de março de 1911, tem a visão do naufragio da Patria, agonisando e fallecendo em horriveis angustias a amaldiçoar os republicanos portuguêses.

I

Esbocêto d'um retrato de Fialho d'Almeida

Os poucos escriptores d'esta definhada idade portuguêsa parece não darem pela falta de Fialho d'Almeida que ha tres annos (4 março 1911) se finou no seu esconderijo natal, lá para um vago povoado alemtejano. Noutro país, ou mesmo neste, mas noutra éra, nanja esta, sobre o coval de Fialho não cresceriam assim tam bastas as hervas do esquecimento.

A nós não deslembra elle. Estamos a vê-lo á porta da Livraria Tavares Cardoso, de chapéo côr de pinhão, as barbas e o bigode a quererem algodoar-se e metê-lo a velho, o grosso busto dentro d'um jaquetão, os pulsos muito delgados saindo de uns punhos redondos, de trespasse, muito largos, para deixar as duas mãos chegar ao castão da bengala que, no seu habitual almofariz — a pedra da soleira do livreiro — moía de cór a sociedade que passava, e a quem dir-se-ia ser tambem dirigido

aquelle assobiar constante do critico dos *Gatos*.

Ali estava horas sem fim, de olhar perdido, farto e refarto de conhecer as figuras de cêra da capital, de lhes saber as vidas, as mazéllas, os tics, os ridiculos, os maleficios, os postiços, desinteressado, como que a armazenar razão para aborrecer Lisboa, e se refugiar na sua Cuba. Nunca se sabia quando voltava nem quando partia.

—Quando vae?

—Não sei. Talvez passado manhã.

E partia nesse dia.

—Quando vem?

—Quando os obreiros derem licença.

E remergulhava o olhar na pequenina onda humana que das repartições começava a collear, direita á infallivel Avenida. Por entre a turba-multa, a onda trazia de quando em vez uma personalidade: um escriptor, um actor, um caricaturista, um poeta. Aos mais intimos, Fialho estendia a mão e o braço para o lado direito, sem voltar a cabeça, para não perder de vista um instante o aspecto da rua, com essa attenção do pintor que embora cumprimente, fale ou sorrie do que ouve, não desfita o modêlo senão para o comparar com a téla.

Uma mendiga chagava o grupo dos litteratos que nem a ouviam. Fialho descia, então, da soleira, estendia o braço o mais que podia e, tapando christâmente a esmóla com a mão, voltava muito confuso para o seu pouso. A tarde avançava. As carruagens reaes já regressavam da Avenida, desciam melancolicamente os janotas pobres e os pretendentes que a promessa governamental trazia á corda, no martyrio das luvas e no dispendio do *Francfort*. Manuel Penteado, Malheiro Dias, Lopes Vieira, Francisco Teixeira, falavam, falavam, falavam, e Fialho d'Almeida ria, sacudindo os hombros, ás vezes até tossir, recolhendo-se á livraria.

Outras vezes era elle que, emquanto ia correspondendo aos cumprimentos dos passeantes, criticava um facto ou um livro, com aquelle renovado estylo, pictural, que á força de côr cegava o leitor como as jornadas ardentes cegam os ceifeiros.

Uma senhora, cumprimentada pelo grupo que rodeava Fialho, merecia-lhe uma exclamação de condoimento:

—Martyr!

—Porque?

—Mulher de escriptor, acha pouco? São uns telhudos! Não falam, não querem que se fale em casa, são insupportaveis. Quando me lembro da minha mulher, coitadinha, que, se entrava no meu quarto de trabalho e me via a ler, sahia em bicos de pés, tenho pêna de todas as mulheres de escriptores.

Mas, para desvanecer essa sombra de entermecimento, logo o critico rompia sarcástico:

—Só aturar-lhe as crises de talento! .. Só terem de concordar com os maridos quando elles querem que lhes digam que são genios!

Luzes accêsas, o «Salão» de Fialho ia-se despovoando. Conversava-se então, mais a serio. Sempre que o apanhavamos assim, exiggiamos-lhe trabalho, producção, livros novos.

—Como querem vocês que eu trabalhe! Onde? Na Cuba? Não posso. Falta-me isto!... —*e apontava a rua.*

—Porque não reorganisa a sua vida, não vem de vez para Lisboa? Essas idas e vindas dispersam-lhe o tempo. Venha, fixe-se, installe-se.

—Não posso! A terra paga peor do que os editores!

—Mas o senhor tem o dever de escrever, de nos dar obras, isso é uma avareza, ahi com esse talento aferrolhado...

Então, num repellão, sacudia os hombros e as barbaçanas e deixava-nos, indo para a porta, como se o tivessemos offendido. E tinhamos, tinhamos offendido a sua timidez, que só perdia a escrever, a criticar, a atacar, porque, então, o que elle temia era não ser justo ou não ser corajoso. Na vida, no tracto era o homem mais timido que temos conhecido. Por essa timidez se negava a todo o convivio, fôra dos cafés de litteratos e dos restaurantes.

Malheiro Dias deu-nos um inverno delicioso, reunindo aos sabbados escriptores e alguns artistas: Julio Dantas, Manuel Penteado, Lopes de Mendonça, Oscar da Silva, etc., etc. Era um salão do tamanho de um coração onde só cabiam amigos, e onde nunca entrou a politica. Nesse tempo o sr. Lopes de Mendonça ainda festejava em verso os anniversarios da Rainha Senhora Dona Amelia, e ainda o sr. Julio Dantas não fazia versos ao sr. Affonso Costa: fazia-os ao logar de medico da Real Camara. Mas os serões eram de litteratura e de arte. Não havia gente de sociedade. Era o cenáculo. Pois, nem assim Fialho d'Almeida appareceu na Rua das Chagas todo esse inverno de 1899 a 1900, e só no anno seguinte lá foi jantar uma vez.

Alguem da familia do fallecido livreiro editor Tavares Cardoso, que fôra amigo de Fialho, insistiu com este para ir jantar a sua casa num dia de Natal.

Fialho prometteu vagamente: talvez fosse, se estivesse em Lisboa, mas não dava a certeza. Já nas vesperas, essa pessoa encontrou Fialho, e disse-lhe:

— «Não tenho mais ninguem a jantar senão V. Nenhuma cerimonia e muita estima é o que encontrará lá em casa. Olhe que ha muito anno que você é estimado naquella casa...»

Fialho d'Almeida abraçou-se á pessoa que lhe dizia estas palavras e, subitamente commovido, os olhos razos d'agua, respondeu-lhe:

— Eu sei, eu sei... mas não me force a ir, eu não vou a parte nenhuma, aceitem-me como eu sou: bicho do buraco.

Dentro d'esse, como de quasi todos os pamphletarios e de todos os violentos, sarcásticos e ironistas, havia uma sentimentalidade que a timidez occultava e a violencia do escriptor não deixava adivinhar. Em Fialho não existia esse convencionalismo que faz das medias da sociedade as repugnantes «pessoas amaveis» traduziveis por *a perfidia dentro d'um assucareiro*. Nunca protestava amizade a ninguem, e era todavia tão affeiçoado que muita vez vi explorarem-lhe o valor e o nome, suppondo estar a empregar o seu valimento em sinceros adeptos que afinal o odiavam porque o invejavam.

E comtudo nunca vi um mestre ter tão fraca idea da propria obra, e tão pouca vaidade no seu nome. Não descia a essa peganhenta epistolographia com que nas letras os *velhos* cultivam a sympathia dos *novos*, esperando que elles se encarreguem da estatuasinha.

Mas se dentre a carneirada dos plumitivos algum surgia indicando ter nascido com azas, Fialho d'Almeida não n'o dizia a elle, não n'o escrevia mas dizia-o a toda a gente, contribuindo assim para o desbravamento da treva da obscuridade, em favor dos que surdiam na ancia do nome e do editor.

Quando nos dirigimos, ao então gerente da Livraria Tavares Cardoso, a propôr a edição do romance de Malheiro Dias *O Filho das Hervas*, na segunda vez que tratamos do assumpto (na ausencia do romancista que estava passando um anno no Porto) o livreiro disse-nos:

— «O Fialho tambem me fez muito boas referencias d'esse rapaz. Diz que tem talento.»

Esse rapaz era Malheiro Dias, que regressava do Rio de Janeiro consagrado no Brasil por um premio ganho no concurso litterario da *Semana*, mas que ainda não tinha em Portugal nem nome, nem publico, nem editor. A nós coube a facil missão de lhe encontrar o editor; mas quem conhece os homens, e sobretudo os editores, não deixará de attribuir ao autorisado depoimento de Fialho, — tanto ou mais do que ás nossas referencias de amigo e camarada de M. Dias, — a brevidade com que se fechou o contracto para a edição dos cinco mil exemplares do *Filho das Hervas*, fabulosa tiragem a esse tempo, no mercado português.

Não sei se, algum dia, Fialho d'Almeida teria dito a Malheiro Dias, tão aberto elogio como lhe fez junto do editor, antes. Verbalmente, talvez não. Para elogiar, para affirmar consideração intellectual ou pessoal, Fialho recorria á penna; nas suas cartas, sim, era expansivo, directamente a sua timidez confundia-o, como a todos os timidos, num inacessivel displicente e imposão.

Até litterariamente essa timidez o perseguia quando em contacto com o leitor, elle tão independente e indifferente, tão sobranceiro aos juizos dos homens. Nos ultimos verões, Fialho d'Almeida andando pelo norte de Portugal, foi cair na Galliza, e voltou de lá com os cadernos cheios de apontamentos. Uma vez pousou distrahido um caderno d'uma d'essas excursões, sobre uma caixa de livros; pegámos no caderno, folheamo-lo rapidamente, e démos com, pelo meio da sua prosa inconfundivel, deliciosos esquissos de cathedraes e motivos architectonicos, desenhados á penna por Fialho. Lêmos ainda uma pagina, tendo occasião de ver como a primeira fundição da idea, era naquelle mestre já perfeita e proxima da final refundição. De repente, sentimos arrebatarem-nos o caderno: era Fialho, córado como um escolar a quem o monitor surprehende o manuscripto dos primeiros versos.

— Deixe ver ao menos os desenhos...

— Não tem que ver. Isso está uma porcaria: são méros motivos para relembrar o descriptivo, eu não sei desenhar — retorquiu, zangado.

E nunca mais largou o caderno.

Pedimos-lhe varias vezes que nos deixasse folhear o que elle chamava os seus «apontamentos» sobre a Hespanha, e que eu vou jurar serem publicaveis tal qual. Recusou, sempre irritado, como se irritava sempre que se lhe falava na sua personalidade litteraria.

Fizemos-lhe outro pedido: que désse o seu nome para um projecto que nós tivemos a candura de suppôr realisavel numa temporada que vivêmos no Porto — um monumento a Camillo. Accedeu por telegramma. E, a seguir, mandou-nos numa carta, o esboço da methodisação do estudo a fazer sobre Camillo Castello Branco. Não temos aqui os nossos papeis, porque viria a proposito publicar esse plano do estudo do gigante que seroou em S. Miguel de Seide. Mas tanto quanto a memoria póde ser responsavel por uma reconstituição de leitura feita ha bons doze annos, Fialho indicava: Camillo romancista; Camillo polemista; Camillo mestre de lingua, etc.; e destinava, para cada um dos capitulos do polychroma facetado do genio camilliano, o especialista que devia estuda-lo e trata-lo.

Essas monographias, entregues a camillianistas, entre os quaes me recordo estar marcado Ricardo Jorge, seriam lidas na *Vellada* que com a geração portuense projectavamos fa-

zer no *Palacio de Cristal*, do Porto, d'onde viria a receita complementar da subscripção para o monumento, subscripção que queriamos fosse popular e não official.

Silva Pinto fracassára no seu intento de monumentalisar Camillo.

Oliveira Alvarenga prophetisou-nos a mesma sórte: ainda estava viva muita gente que serviu de modêlo na galeria camilliana.

E não nos deixáram andar...

Fialho já, porém, havia levantado um monumento a Camillo na dedicatoria d'um dos seus volumes.

Quem levantará ao menos uma memoria a Fialho!

II

ENTREVISTA

COM

FIALHO D'ALMEIDA

As apprehensões de Fialho sobre a decadencia dos politicos portuguêses — Na vespera do 28 de janeiro — Os republicanos sentenciados por Fialho — Encontro com Fialho d'Almeida no dia 7 de outubro — Aspecto de Lisboa nos dias de outubro seguintes á proclamação da Republica — Uma cavalgada de heroes — No Terreiro do Paço — O vaticinio do regimen republicano — O sr. Brito Camacho julgado por Fialho — E tambem o sr. Bernardino Machado — Um manuscripto de Fialho offerecido ao «Correio da Manhã» — Elegia de Frederico Pinheiro Chagas por Fialho d'Almeida.

Naquellas funestas jornadas de 908, ao expirar janeiro, Fialho d'Almeida mostrou-se-nos muito apprehensivo sobre a marcha da politica portuguêsa e concomitantes consequencias pátrias. Passára para elle o gôzo demolidor. A idade e a plenitude mental soffriam agora de ver como as insignificancias ameaçavam vir a demolir o edificio nacional.

A epoca irreverente e negadora dos *Gatos* fôra essa descuidosa phase em que os escriptores se acontentam em prelios singulares com o convencionalismo e o existente, seja elle qual fôr. E' a idade em que o litterato tem mais solidariedades com o mundo da esthetica do que com o pequenino torrão natal. Depois os annos foram-se sommando, e o indisciplinado, o *frondeur* deu num consciente e fervoroso interessado pela grandeza e pela conservação patrias.

Fialho d'Almeida e Oliveira Martins.

Até ahi a politica só se podia gabar de ter tido uma breve visita de Fialho. Fôra no jornal *O Reporter*, que ficou na imprensa d'essa epoca, como o mais brilhante e completo triumpho littera-

rio do jornalismo português, pois que foi, por assim dizer, d'essa epoca o unico escripto por escriptores.

Fialho d'Almeida foi até ao *Reporter* pelo braço e pela consideração litteraria por Oliveira Martins.

No dia em que encontrou sobre a sua banca de redactor — e secretario, salvo êrro —, a papeléta communicando-lhe a demissão de Oliveira Martins, Fialho nas costas do mesmo papel escreveu o pedido e deferimento da sua demissão, pegou no chapéo e no varino, e nem o jornalismo diario nem a politica o tornaram a ver.

Para o fim do reinado de D. Carlos, Fialho d'Almeida interessou-se pela tentativa de redempção politica que foi o franquismo, chegando a publicar no orgão franquista portuense, o *Diario Nacional*, alguns artigos escriptos nos seus dias de pompa.

Quando nas vesperas do 28 de janeiro — justamente na vespera, se a memoria me não falha — o encontrei em Lisboa, Fialho estava em plena apprehensão pelos tristes destinos portuguêses. Eram as ultima horas do cêrco ao ministerio João Franco. Ouvia-se já aperrar a pistola do Sabino e o arcabuz do Buiça.

— E se d'isto tudo sae um governo republicano? — preguntamos a Fialho.

— Que horror! — exclamou o mestre — são lá capazes de nada! Isso é gente sem juizo!... o ultimo termo da decadencia em governantes! Palavrosos, mais nada!

No Terreiro do Paço — A fallencia da republica é avistada por Fialho a dois dias da victoria.

Na noite de 28, seguimos para o Porto, no comboio nocturno, e na estação de Campanhã appareceu-nos uma senhora, perguntando-nos, excitada e inquieta:

— Sabe de meu irmão?...

E, como se lembrasse de que eu não a conhecendo não podia saber quem era o seu irmão, accrescentou o nome d'esse irmão, um antigo ministro progressista.

— Vi-o antes de hontem.

— Mas, hontem, hontem, não ouviu falar d'elle, não sabe se elle saiu de Lisboa?

— Não sei, minha senhora.

— A que horas saiu de Lisboa?

— Neste comboio, eram nove horas da noite.

— E não tinha ainda havido nenhum acontecimento grave?

— Toda a gente falava ou presentia que se iam dar acontecimentos, mas até essa hora ainda na Baixa se não sabia nada.

Tinha-se dado o 28 de janeiro, e como se vê essa senhora ia, á chegada do comboio de Lisboa, informar-se dos resultados da conspiração e das consequencias para o conspirador seu irmão, que pelos vistos trazia as senhoras da familia ao corrente da politica, ou não houvesse verberado tanta vez o facto noutros politicos. De 1908 a 1910, as aprehensões de Fialho não fizeram senão aggravar-se. Chegou o 5 de outubro, que provou a primeira parte das suas apprehensões. Assim no dia 7 de outubro em que encontrei Fialho em Lisboa, não estranhei o tom desilludido com que me falou d'aquelle «triumpho» republicano.

Sahia eu de entrevistar o sr. dr. Theophilo Braga, quando á porta do Ministerio da Fazenda topei com Fialho d'Almeida. Fazia mezes que nos não viamos. As primeiras palavras foram reciprocamente cautelosas, tanta surpreza elle e eu haviamos já áquella hora tido com inopinadas, vulcanicas profissões de fé republicana assolapada.

Mas trocadas essas primeiras pala-

vras, cada um de nós teve a satisfação de verificar a consistencia das suas horas anteriores, e Fialho d'Almeida prophetisou então:

— «Você vae assistir ao mais desenfreado assalto ao emprêgo, ao nicho. E' uma horda de esfomeados que caiu sobre o *buffet* publico.»

O bôdo do advento — Festim da fom.

— Talvez, não... — admittimos nós, com menos clareza e mais inesperiencia do que elle.

— Não lhe restem sombras de duvida. E se lhe disser que já começou o festim? Já se entre-nomeiam directores geraes, e até já se agatanham os *super-homens* do advento, de guéla secca e faminta.

— O quê, já?

— Sim, já. Tal lhe digo. Entretanto durou o assedio e a miseria, lá se foram cozendo uns com os outros, por honra do convento e instincto de se não amostrarem taes elles são, desunidos e roidos de odios mortaes.

— Então, agora...

— Agora, o desapparecimento do inimigo commum fa-los, na costumeira da guerrilha e na bebedeira da lucta, virarem as armas contra os fieis do mesmo convento. Elles não se podem ver. Pelo que ouço vae por ahi o diabo! E a assaltada aos nichos é escandalosissima...

— Mas serão ao menos capazes de governar?

— Só são capazes de devorar o orçamento e de se devorarem uns aos outros. Não teem gente. São, no total, aprendizes metidos a mestres. Você não vê que a hora da tribunéca passou? Ha que ter outras qualidades, e elles não nas tem: são uns falaciosos, gramophones de arraial! Nenhuma competencia, nenhuma pratica da administração publica, aventureiros!

O Srs. Bernardino Machado e Brito Camacho julgados por Fialho de Almeida.

— Teem lá o Bernardino...

— É um *bacôco*, muito mais *bacôco* que aquelle a quem cederam o cognome. O estalão d'essa gente é o Camacho.

— O Brito?

— Esse. O Brito Camacho, homem de estudo! homem de situação! E' de a gente se benzer tres vezes. O Camacho não passa d'um folhetinista. Nem medico, nem deputado, nem orador, quanto mais homem do Estado! Um folhetinista é que elle é!

A prophecia negra de Fialho sobre a Republica.

— A republica, a seu ver, vae ser...

— Um voltar de pagina escripta com peor calligraphia, e nenhuma orthographia, imitando o que de peor rezava a lauda retró. Você vae ver as perseguições...

— Estão affirmando tolerancia fraternal..

— A fome dos correligionarios não lhes permittirá effectivarem essa tolerancia da hora condescente da chegada. Veem ahi as perseguições aos funccionarios por môr de aboletar os cooperadores precisados que reclamam já o pago dos serviços. Empós, virá a taboa raza da legislação no delirio de perseguidos-perseguidores. Vá de falar no esbanjamento do nosso oiro, na *camoéca* de innovações que darão apenas um degringolar do que ha feito e ha custado á grey seculos de labor esforçado. Conte-se com o deslassamento do patrimonio colonial, com a desavença do equilibrio

economico, o galgar doido, de maré viva, da corrente fiduciaria: ponha os seus olhos na perspectiva do que será este parlamentarismo, — alembra-se do estrangeiro que não perde de olho este manicomio; ajunte-lhe a perseguiçãosinha local, a fatal parodia da lei da Separação da Igreja do Estado, com seu divorcio de preceito, o desbridar de toda a guiza de respeito, no *sans-culotte* luzo, e o derrubar da familia, e terá esquissado o pavor que ahi vem, com seus imprevistosinhos de complicação na *estranja*, á mistura, e uma indisciplina de todas as classes de portas adentro. Desmiolado, e muito, será quem estiver em crêr que tem consistencia esse exercito trabalhado pela indisciplina que a hossana vae definitiva e irremediavelmente desmanchar. Ahi o tem.

Aspectos de Lisboa nos dias de outubro seguintes á proclamação da republica.

Entre esgridar acclamatorio de rapazio, uma cavalgada de «heroes» rompia rente á Arcada (onde Fialho e nós conversávamos) direito ao Ministerio da Guerra.

Era aspecto já monotonisante d'esses dias. A povoação gozára-se lisboetamente o espectaculosinho grátis. Meninos, mamãs e papás visitavam os falados logares da façanha, de nariz no ar pela Avenida, a considerar o granizado das pedras pela bala. Familias burguezas visitavam o candieiro dos Restauradores e a *Granada que tomou fórma caprichosa*, deixando só o gato em casa, e levando a ama com os paninhos do futuro presidente da republica. Avenida acima, o poder do mundo ia ver o sr. Machado Santos com a mesma curiosidade que podiam ir ver leões a um museu zoologico. No Rocio bivacavam ainda regimentos em armas. Andava-se aos encontrões, difficilmente se rompia, e a todo o momento se esbarrava com uma roda de povo ouvindo admirativa a narração épica d'um dos marujos que, de carabina a tiracólo, e laçarótes verdes e encarnados pelo peito, e pelos braços, andavam por entre a multidão rondando e alforjando cigarros fórtes e charutos de picar.

Não se via senão soldadesca tresmalhada, tonta de somno e de folia, armada e enfeitada, sorvendo aquella curiosidade pascácia das gentes alfacinhas, que interrogavam os «heroes», apalpando-lhes as caravinas, enchendo-lhes os bolsos de cigarros e os ôdres de vinhaça que, valha a verdade, a não ser as alucinações auditivas dos tiros do Quelhas e de Campolide, outro mal não fez que habituar a praça a ficar fóra do quartel sem licença do recolher, e o soldado a ver-se hombro a hombro senão arriba do senhor official.

Longe do aspecto de uma revolução era o burgo.

A dessaruinação, eis a impressão d'essas horas: nas ruas, nos cerebros estava tudo de pernas para o ar, como a mobilia dos Ministerios que os continuos acautelaram da onda enthusiastica dos saudantes. Pelo desalinho e desarrumação podia-se dizer que Lisboa estava uma «verdadeira republica», no sentido indisciplinante e cahotico que lhe dava o povo e lhe deram ao depois praticamente estes governantes.

A todo o canto e esquina se viam populares cercando marinheiros e praças de terra que se gabarolavam cada qual de ter arrimado a pedrada decisivamente derrubadora á arvore secular da Monarchia.

E o mais confrangente era a mascarada da soldadesca, embrulhada em fitas, os bonés trocados, e truncados, estafada de gloria, encos-

tada pelas humbreiras a dormir o somno errante da indisciplina.

Mas de todo esse aspecto, o mais typico, o mais completo que vimos foi essa cavalgada de «heroes» que passou por Fialho e por nós nessa tarde de 7: eram marujos, de alpargatas, a cavallo, cabos de infantaria, desnudando espadas, e em montadas de officiaes, destribados e roucos, aos vivas, um rapazio agarrando-lhes as pernas e as rédeas, tudo aquillo num roldão de vivas á republica, e enrodilhado em serpentinas de papel, a acabar de carnavalisar a tristeza do quadro. Nisto, ouviram-se palmas seguidas d'um silencio, e um viva ao exercito e á marinha: eram os ministros que alvoroçadamente recebiam das sacadas a cavalgada de «heroes».

Fialho d'Almeida considerou com uma profunda tristeza aquelle quadro, e despediu-se, cortando para a estação a saber se já estava restabelecida a carreira do Barreiro.

Nunca mais o vimos.

Um manuscripto de Fialho d'Almeida para o «Correio da manhã» — Elegia de Frederico Pinheiro Chagas.

Mas a cada trecho de prophecia que verificava na historia do interregno republicano, eu relembrava esta entrevista com Fialho, colhida nas primeiras horas do advento.

Este trecho —, que a penna justiceira e independente do mestre escreveu para o numero que o *Correio da Manhã* projectava publicar (e que o empastelamento impediu) em monumento a Frederico P. Chagas —, fica pela fidelidade da entrevista que hoje damos a luz.

Estes tres onerosos annos de republica attestam e confirmam á saciedade a justeza com que F. d'Almeida marcou a trajectoria d'este grave. Escripta semanas depois, essa pagina sobre Frederico P. Chagas já assim era limpida a quarenta e oito horas de implantada a republica.

Fialho d'Almeida não se enganou.

E depois de escripta esta elegia ao nobre tenente da Armada Real Portuguêsa, não fez Fialho d'Almeida senão fortalecer-se no pessimismo com que recebeu o bamburrio...

Mas, primeiro, transcrevámos o

Original do mestre:

FREDERICO CHAGAS

Quando d'aqui a annos se fizer a historia tranquilla do *cinco d'outubro*, e fóra das hyperboles ronflantes e das romanticidades forçadas do triumpho se houver posto em prosa simples (a prosa simples da vida, a prosa scientifica dos automatismos nervosos collectivos) este acontecimento que deu de si a proclamação da Republica, vêr-se-ha que o melhor da ruidosa epopêa se reduziu na essencia a alguns casos brilhantes de bravura pessoal, e a uma successão de correrias, escaramuças e vedetas que devem trazer a proporções menores o facto historico.

Será julgada então a attitude do exercito a uma luz em vez de partidaria, patriotica,— a unica sob cuja incidencia a historia costuma vêr as attitudes militares — e d'esse exame necessariamente ha-de saltar o erro grave que é desviar regimentos d'outra missão que não seja defender o pais dos inimigos de fóra, e dar cá dentro ás aspirações theoricas das massas uma expressão de consciencia que as liberte dos pesadêlos da fronteira.

Da leitura de numerosas entrevistas com officiaes combatentes, dos mais dignos, ministros das ultimas chapas monarchicas, dos mais dubios, e próceres revolucionarios republicanos, dos mais vermelhos, resalta unanimemente que o exercito como está seja um perigo não só para a integridade do territo-

rio, como até mesmo para a integridade da Republica.

Officiaes enervados das incoherencias dissolutas da politica, chefes hesitantes ou cretinisados pelos sedentarismos gordos da chefia, soldados analphabetos com pratica d'insubordinações que viram applaudidas como cousas grandiosas e magnanimas, promoções na fileira por actos de revolta, precedendo as dos militares tranquillos, e provocando *ipso facto* ciumes e preferencias irritantes, etc., tudo isto deve ter creado, ou estará creando, um *livre pensadeirismo* propicio á instabilidade moral e material das gentes d'armas, e a propaganda anti-militarista que mui pela certa de todos os lados espreita esta desordem.

Ao mesmo tempo não é melhor a disciplina das ruas, o fundo d'alma das classes populares, que tendo debutado em politica por vias de facto anarchistas, pretendem agora fazer parte da nova policia urbana (!) e intrometer-se a julgar o passado de certas figuras do regimen transacto, generalisando apupadas e pensando mesmo em fazer perseguições, sob a inacreditavel tolerancia do governo republicano a dar-lhes força.

Nós não sabemos o alcance remoto d'estes e outros fremitos epidemicos dõ crocodilo revolucionario, mas sem duvida são estes indicio d'uma aura epileptica que se não fôr sustada a breve trecho, dará de si talvez perturbações sociais de marca tragica.

Nestas circumstancias não é pessimismo dizer que a Republica e republicanos mal avisados vão suppondo que tres dias de tiros mudassem em ceára d'almas a estrumeira d'interesses, e fizessem do fango mefitico, *atelier* d'estatuas de Carrara. Agora é que verdadeiramente o caso é grave, porque se sommam ás corrupções da monarchia, as cobiças da republica triumphante, porque os grandes problemas nacionaes continuarão insoluveis, por falta de quem nos resolva e quem nos pague, e ainda porque se a monarchia era infame, ao menos tinha um exercito e uma rua tranquilla.

E agora...

Houve na revolução poetas de barricada que julgaram ter feito obra salubre precipitando a queda das ruinas monarquicas? Os que por esta chimerica mudança de taboleta, que é a substituição d'uma monarchia constitucional por uma republica, arriscaram d'impulsão fortuna e vidas.

Ninguem lhes estranha a febre de correrem empós da illusão d'um Portugal transformado e rejuvenescido — ai! — rejuvenescido por uma fórma que dada a incultura do povo e o seu nenhum valor como agregado pensante, nem se póde chamar rejuvenescimento, mas simplesmente a apparencia ephemera que resulta d'algum córte novo de cabello, e do doairo trazido por qualquer casacão que se voltou, parecendo novo.

São phantasistas esses, que reintegram a alma portuguêsa na velha aspiração aventureira, sonhadores d'alma celtica convictos da transcendencia solemne das missões historicas dos povos, e por egual dessiminados nas fileiras de todos os partidos, os mais liberaes como os mais reaccionarios, os com historia e os sem historia, porque não é previlegio d'este ter por correligionarios só anjos, nem mau séstro d'aquelle ter nas suas mesnadas só demonios — a percentagem de bons e maus estando por egual distribuida nas varias classes da familia portuguêsa.

E' o momento em que todas as bochechas sopram marchas de gloria emphatica aos vencedores.

Mas, dirão outros, e a intemerata nobreza d'alguns vencidos?

Naquelles dias de fratricidio as subserviencias foram tantas que quem se salvar do atoleiro precisa ser cantado em verso heroico. Ora entre os heroes legitimos uma admiravel figura destaca-se: Frederico Chagas, symbolo resplandescente d'essa cousa superflua, a lealdade; Frederico Chagas, que não querendo render-se em Valle de Zebro á marinhagem revoltada, mette no coração duas cargas de revolver.

Sacrificio romantico, inutil como escudo d'uma causa perdida, inutil como syndroma d'uma alma integra e orgulhosa, inutil como protesto, inutil como exemplo...

Mas por essa inutilidade mesma, sacrificio sublime, lance intangivel, supremo, numa epocha em que o ideal cavalheiroso se afunda, e á medida que as sociedades avançam parece que o caracter vae retrocedendo.

A susceptibilidade do pudôr militar d'este marinho, como as exhalações do nardo, fuma do seu sepulchro e enche o ambiente heroico de legendas.

Quantos entenderão o sentido d'este cavalheiroso aniquillamento?

FIALHO D'ALMEIDA.

III

A Morte de Fialho d'Almeida

A agonia d'um Português.

Depois d'estes periodos não houvemos mais noticias de Fialho.

A vida febril, que os redactores do «Correio da Manhã» levaram nesses trez mezes de batalha, nem deixava tempo a cartear amigos. Era-nos, porém, consolador pensar que Ramalho Ortigão e Fialho d'Almeida, os primeiros escriptores portuguesês d'aquella hora, haviam ficado dignamente do outro lado d'essa onda aventureira; e, pensavamos nelles tranquillamente certos de que cada jornada d'esta intranquilla epoca nos havia de confirmar na sua estima d'elles. Só agora deprehendêmos que Fialho continuou nos jornaes brazileiros a mal-augurar da Republica.

E' Annibal Soares que, na sua brilhante *Chronica Politica*[1], ao historiar a expulsão d'elle e nossa, em janeiro de 1911, conta:

«Mais tarde, por uma Carta de Fialho d'Almeida para um jornal do Brasil, viémos a saber que todos estes banimentos foram promovidos pelo nosso viridente e jovial snr. conselheiro Bernardino, o qual, logo depois e em conselho de ministros, falou em se exilar tambem o insigne artista dos *Gatos* caso em correspondencias para o Brasil persistisse em não lobrigar senão farellos dentro do caco da sua cumprimenteirissima conselheiria.»

Bem decerto o mestre contemporaneo teria provado do exilio, se a morte não se tem adeantado ao sr. Bernardino.

Mas a este, se a Republica o não desterrou, fez peor: matou-o. Porque evidentemente a morte de Fialho teve suas causas mediatas na negra apprehensão em que o trazia o futuro da Patria.

Fialho vivia já a idade desinteressada, a hora da renuncia. Não o sollicitava a gloria, que aliás lhe era foreira, nem tão pouco a ambição, os seus cabedaes bastando-lhe e sobrando-lhe.

Nem necessidade nem despeito o fazia ver mal a Republica.

A sua condemnação determina-lh'a o patriotismo, a voz do propheta pessimista vinha-lhe do peito de grande Português. Consciente, esse pavor do esphacelamento patrio torturava-o, tão nitido, tão cláro, tão mathematico lhe parecia. Torna-se a má companhia de todos os momentos, o assumpto sempre presente ao seu espirito desenganado. Longe ía a quadra da vida nacional em que Fialho ria ás casquinadas. Agora, a Patria não dava vontade de rir, dava para affligir todos os homens que previssem, e se não con-

---

[1] Annibal Soares, *Chronica Politica* — Publicação Semanal. Redacção e Administração, 70-1.º Rua da Cancella Velha, Porto.

formassem, que iamos deixar de ser Portuguêses.

E, cinco mezes dobados sobre a éra do advento republicano, essa apprehensão, esses arreceios de ver a bandeira de Portugal mudar definitivamente de côr, trocando a zôna verde por duas listras amarellas, essa miragem de lucto, essa visão telepatica do naufragio da nacionalidade attingia e ficava-se na grandeza horrivel e solemne de um delirio agónico.

Fialho d'Almeida estava a expirar, e, no delirio da agonia não se revia a elle; o seu batalhar de moribundo era o naufragio nacional, a perda da Patria, o desapparecimento de Portugal, a invasão estrangeira. Ao passo que no seu peito faltava o ar, Fialho d'Almeida gemia horrorisado da visão da Patria com o joelho do estrangeiro a amolgar-lhe a taboa do peito.

A sua figura naquelle leito de morte tinha a grandeza dos sonhos symbolistas: por entre a bruma do delirio, o cerebro do grande homem não perdia de vista o seu supremo cuidado de Português. As forças eram cada vez menos, o alento já vinha em lufadas anciosas, mas o moribundo parecia não querer deixar a vida, por uma especie de instintiva noção que lhe dissesse como eram precisos agora o seu talento e o seu amor á Patria.

De joelhos no leito, apontando para os pés da cama, os cabellos empastados, a barba emmaranhada nas vagas do estertor, Fialho d'Almeida teve, então, a mais horrorosa das agonias: tremendo da visão horrivel, gritava, espavorido do sacrilegio:

— « Elles, elles ! Veem dar cabo da Patria !... matar Portugal !... Portugal !... elles, os republicanos !... »

Depois, recuando o busto, a face, as mãos, recolhendo os braços, como que para se salvar do abutre, vendo que a visão avançava, gritou:

— «Malditos ! Malditos !... »

E caiu morto.

ULTIMA PAGINA

Essas laudas, que falam de Fialho d'Almeida e da sua malaventuradamente verosimil prophecia, foram começadas em Paris. Entrementes, regressavamos a Portugal e ás nossas telhas donde estavamos apartados ia para quatro annos. A viagem, com toda a dispersão de tempo provinda da deslocação, delongou a sua conclusão. Ao depois, era mister, antes de á presença do publico virem estas paginas, saber se ellas seriam o fim de um primeiro tomo, ou se o termo da publicação.

Editorialmente *A Entrevista* tinha desafogada vida que lh'a assegurava o publico. Restava apurar se o momento era para ouvir os outros ou falarmos nós, se eram as individualidades quem tinha a palavra ou se a collectividade.

Provadamente, a hora é demasiado inquieta para um português se confinar na descançada tarefa de publicação tal. A hora é de inquietação e de risco, de perturbada desorientação: ha que dar mais á patria do que os embora curiosos subsidios para a historia, que são em regra as entrevistas. Torna-se urgente dever orientar, e assentar de novo praça no activo. O nosso papel e a nossa missão é no jornalismo, a vedêta de todas as revoluções e de todas as redempções modernas.

Des'que viemos para a vida publica, estivemos sempre onde o dever nacional e patriotico nos mandou estar. E' o jornal o nosso posto? Vamos para o jornal.

Embora com saudade de terminar uma publicação que tinha o seu exito assegurado, inflexivelmente a fechamos com essas paginas onde o espirito de Fialho d'Almeida grita o perigo nacional e assignála aos portuguêses o seu caminho. Não podia deparar-se-nos mais proprio final nem melhor arenga para homens que devem bater-se.

Despedimo-nos dos leitores da *Entrevista* com a melancolia mas tambem com a firmeza de um soldado que, muito agradado da sua casa e dos seus, se despede e parte, ao ser chamado ás armas pela Patria.

Esta é, pois, a ultima pagina da *Entrevista*, que não acaba por falta de leitores, mas por abundancia de outras pugnas, mais renhidas, a travar. Escrevemo-la, com a saudade do soldado que, já da primeira curva da estrada, diz o derradeiro adeus aos seus, e, açodando o passo nunca mais se alembra da familia, por só pensar na Patria, em que a familia está conglobada, e pela qual vae para o seu posto vencer ou morrer que é tambem uma maneira de ajudar as victorias nacionaes.

J. L.

Lisboa, 3 maio 1914.

FIM

INDICE

PAG.

Entrevista com JOAO D'AZEVEDO COUTINHO (N.º 1) 7
Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS (N.º 2) 25
Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE (N.º 3) 41
Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO (N.º 4) 59
Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA (N.º 5) 69
Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde (N.º 6) 85
Entrevista com o PADRE DOMINGOS — O guerrilheiro de Cabeceiras de Bastos (N.º 7) 103
Entrevista com a Senhora Marqueza de Rio-Maior sobre a SENHORA D. JULIA DE BRITO E CUNHA (N.º 8) 123
Entrevista com o Sr. Conselheiro JOSÉ D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO (N.º 9) 137
Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE). Primeira parte (N.º 10) 153
Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE). Segunda parte (N.º 11) 168
Entrevista com JOAQUIM OEIRAS — Historia d'uma evasão do presidio d'Elvas (N.º 12) 191
Entrevista com o CAPITÃO-TENENTE DA ARMADA BRASILEIRA SR. AMERICO PIMENTEL — A Republica Portugueza e a Republica Brazileira (N.º 13). 211
Entrevista com o DR. LUIZ TELLES DE VASCONCELLOS — A fuga do presidio de S. Bernabé (N.º 14) 223
Entrevista com JOSÉ DE FARIA MACHADO, Secretario de Legação de Sua Magestade Fidelissima — O reconhecimento da Republica Portugueza (N.º 15) 236
Entrevista com o TENENTE SATURIO PIRES, Official da Columna de Paiva Couceiro — Exercitos Permanentes e Milicias (N.º 16) 247
Entrevista com o Conselheiro AYRES D'ORNELLAS, Capitão do Estado-Maior — O Futuro na Politica Portugueza e o futuro no exercito (N.º 17). 267
Entrevista com o PADRE CAETANO DOS SANTOS BASTOS ANÃO, Antigo Capellão de Lanceiros d'El-Rei — A Lei de Separação (N.º 18) . . 277
Entrevista com o Conselheiro JOSE LUCIANO DE CASTRO (N.º 19) . . 291
Entrevista com FIALHO D'ALMEIDA (N.º 20) 303
Ultima pagina 316

3126

Hof-1
H-922